

Estudo desenvolvido por pesquisador da FOP revela que tempo de recuperação pode até dobrar

Pacientes que usam drogas estão mais sujeitos a complicações pós-operatórias

CÉSAR MAIA

comunicação@fop.unicamp.br

Pacientes que fazem uso de drogas – álcool, fumo, cocaína e maconha, entre outras – são mais suscetíveis a complicações pós-operatórias, ocasionando, com isso, até o dobro do tempo para recuperação, além da possibilidade de realização de nova cirurgia. O foco do estudo, realizado pelo cirurgião-dentista Eduardo Serena, pesquisador da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), foram as cirurgias de fraturas mandibulares, que necessitam de internação em centro cirúrgico e anestesia geral para serem tratadas. O trabalho, no entanto, serve de alerta para os tratamentos de recuperação de pacientes em outras situações, cuja intervenção cirúrgica é necessária.

A pesquisa, orientada pelo professor Luis Augusto Passeri, da Área de Cirurgia da FOP, recebeu o prêmio de melhor trabalho, na categoria pôster, no Congresso Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial, realizado em Santa Catarina, em agosto último. Trata-se de uma das reuniões científicas mais importantes da área.

Para fundamentar sua pesquisa, Eduardo Serena analisou 472 casos de cirurgia de fratura mandibular, no período de 1999 a 2004, realizadas em hospitais das cidades de Piracicaba, Limeira e Rio Claro. O estudo apontou que os usuários de drogas injetáveis ou endovenosas apresentaram a maior porcentagem de complicações depois do procedimento – 37% dos casos. Os pacientes submetidos à



O cirurgião-dentista Eduardo Serena: “As complicações podem acarretar uma série de custos adicionais”

cirurgia que faziam uso crônico de bebidas alcoólicas e que sofreram complicações constituíram um universo de 17%, e os indivíduos que usavam drogas não-endovenosas, como maconha, cocaína e crack, somaram 16% do grupo estudado.

Para facilitar as análises, Serena separou os casos em cinco grupos

diferentes: daqueles que não possuíam nenhum tipo de vício; os fumantes; os usuários crônicos de bebidas alcoólicas; e os usuários de drogas endovenosas e não-endovenosas. De todos os grupos, o cirurgião chama a atenção também para a principal complicação pós-operatória, ou seja, 58% dos casos

estariam relacionados a infecções.

Um dos aspectos a serem considerados, segundo o pesquisador, seria o alto custo para os procedimentos cirúrgicos deste porte. “As complicações pós-operatórias podem acarretar uma série de custos adicionais que oneram o Sistema Único de Saúde, órgão que paga os

procedimentos ao hospital”, explica. Se a recuperação em condições normais de um paciente dura em média 45 dias, com as complicações, este período pode até dobrar, chegando a tratamentos que duram até três meses.

“Além das alterações sistêmicas no organismo, causadas pelo uso de drogas, os pacientes dependentes, em geral, não seguem adequadamente o tratamento pós-cirúrgico. Por conta da dependência, eles possuem alterações no sistema nervoso e o vício não permite que obedeçam as orientações de tratamento. Com tudo isso, a vulnerabilidade de desenvolver complicações aumenta significativamente”, esclarece Serena.

A recomendação do cirurgião é dar maior atenção à terapêutica adotada para este tipo de paciente para se evitar problemas nos primeiros 15 dias depois da operação – tempo em que as complicações podem surgir. O indivíduo que segue as indicações, como dieta líquida e pastosa e a ingestão de medicamentos nos horários determinados, tem grandes chances de não precisar retornar ao hospital. “A pesquisa ajudou a entender não só a importância dos procedimentos pré e pós-operatórios, como serve também de alerta para orientações específicas para os pacientes dependentes de drogas”, avalia o pesquisador.

Um resultado a ser considerado em estudos posteriores, segundo o pesquisador, foi a principal causa de cirurgia de fratura mandibular entre os usuários de substâncias psicoativas. “A maioria dos casos consistia em fratura por agressão física. Entre os pacientes sem nenhum tipo de vício, o problema maior foram os acidentes automobilísticos”.

Livro revela as mil e uma utilidades do bambu

ISABEL GARDENAL

bel@unicamp.br

Enquanto não concretiza a ideia de criar uma estampanaria a partir de material de anatomia do bambu, que produz um raro efeito artístico, o professor Antonio Ludovico Beraldo, da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri), já se sente em parte realizado ao conceber o livro *Bambu de Corpo e Alma*, obra que levou pelo menos quatro anos para ser concluída em parceria com um ex-aluno da Unicamp, o professor Marco Pereira, atualmente docente da Unesp-Bauru.

Ambos dão a dimensão física do bambu, o qual eles chamam “corpo”. E a “alma” do título, pode perguntar o leitor? Beraldo responde que está presente num trabalho de Betty Feffer, que faz uma participação especial no livro. “Ela cuida da alma das pessoas através de terapia que utiliza o bambu”, conta Beraldo.

O livro mostra como o bambu foi introduzido no Brasil, mostra as suas principais espécies, como ele se propaga e como deve ser tratado. O conteúdo também é ilustrado no CD-ROM “Mil e uma utilidades” em mais de mil fotografias sobre as belezas da planta. As fotos são de bambus para construção, para criação de instrumentos musicais, alimentação, carvão, entre outras. Segundo Beraldo, somente a China registra 4 mil usos do bambu, que já aparecem devi-



O professor Antonio Ludovico Beraldo, autor de *Bambu de Corpo e Alma*

damente catalogados.

Apesar de dizer que o bambu tem pouca durabilidade, ele chega a medir 30 metros de altura. “É fas-

cinante ver a rapidez com que cresce: o recorde mundial é de 1,21 metro por dia”, comenta. Um dos potenciais da planta, observa, é para o

agronegócio, sobretudo agora que se fala mais em seqüestro de carbono. “Em Coelho Neto, no Maranhão, são 40 mil hectares de bambu, para

fabricação de papel”, fala Beraldo, um dos poucos pesquisadores dedicados ao tema no Brasil.

Alguns bambus têm um ciclo de cinco a dez anos de vida. Depois disso, começam a se degradar. “Uma coleção de 20 espécies, por exemplo, dá um bom retorno econômico ao investidor”, estima. Beraldo acrescenta que o setor movimenta anualmente algo entre US\$ 15 bilhões a US\$ 20 bilhões no mundo. Na Colômbia, o bambu é considerado material de primeira grandeza. No Brasil, a maior parte dos bambus não é de origem local. Foram trazidos, na época da colonização, por europeus e asiáticos. A bambusa é até hoje a espécie mais comum e é bastante encontrada em propriedades agrícolas.

Em 239 páginas, o leitor tomará contato com as curiosidades e alternativas de uso do bambu. O livro, lançado recentemente, foi publicado pelo Canal Projetos Editoriais. Parte do tema é também apresentado nas disciplinas de pós-graduação da Feagri - *Bambu: Características e Aplicações* e, na graduação, na disciplina *Materiais de Construção Civil*, da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC).

A obra foi elaborada com o intuito de fomentar o interesse e a difusão no uso desta planta, aliado ao crescente interesse e à busca por informações técnicas sobre o vegetal. Para adquirir o livro, o interessado deve fazer contato com a Agronômica Projetos e Consultoria através do telefone 19-3521-1046 ou do e-mail agrol@agr.unicamp.br.